

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Negritude: a universidade como espaço formativo intelectual e afetivo

Ariele Moura Figueredo, Ricardo Burg Ceccim

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15279>

Submetido em: 2026-03-03

Postado em: 2026-03-06 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- Károl Veiga Cabral (ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5678-7859>)

ARTIGO

NEGRITUDE: A UNIVERSIDADE COMO ESPAÇO FORMATIVO INTELECTUAL E AFETIVO

ARIELE MOURA FIGUEREDO

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-8194-6795>
arielemourafiguereado@gmail.com

RICARDO BURG CECCIM

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0379-7310>
burgceccim@gmail.com

¹ Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Mossoró, RN, Brasil.

RESUMO:

O artigo analisa dissertações e teses sobre a universidade no Brasil que tratem do ingresso e permanência de estudantes negros, em busca de considerar se esse tem sido um tema discutido no âmbito pesquisa acadêmica de *stricto sensu*. A pesquisa, baseada no Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES, identificou seis trabalhos relevantes. Esses estudos revelam que, apesar da exclusão e segregação enfrentadas no espaço da universidade, os estudantes negros encontram apoio e pertencimento por meio de relações de *aquilombamento*, através dos grupos de extensão e coletivos. A lei de reserva de vagas nas universidades federais, aprovada em 2012, é destacada como uma tentativa de reduzir desigualdades históricas. A revisão sistemática da literatura mostra que a presença expressiva de estudantes negros na universidade é recente e ainda enfrenta desafios significativos, mas também aponta para a formação de identidades étnico-raciais e a importância de espaços de acolhimento e resistência, sendo possível a afirmação da diversidade racial nesse território.

Palavras-chave: Negritude; Universidade; Ensino Superior; Reserva de Vagas; Estudantes negros.

Negritude: the university as a space for intellectual and emotional formation

ABSTRACT: The article analyzes dissertations and theses on the university in Brazil that deal with the entry and permanence of black students, seeking to consider whether this has been a discussed topic within academic *stricto sensu* research. The research, based on the CAPES Catalog of Dissertations and Theses, identified six relevant works. These studies reveal that, despite the exclusion and segregation faced, black students find support and belonging through relations of *aquilombamento*, through extension groups and collectives. The law on reservation of places in federal universities, approved in 2012, is highlighted as an attempt to reduce historical inequalities. The systematic review of literature shows that the expressive presence of black students in university is recent and still faces significant challenges, but also points to the formation of ethnic-

racial identities and the importance of spaces for reception and resistance, being possible the affirmation of racial diversity in this territory.

Keywords: Negritude; University; Higher Education; Reserve places; Black students.

La negritud: la universidad como espacio de formación intelectual y afectiva

RESUMEN: El artículo analiza disertaciones y tesis sobre la universidad en Brasil que tratan de la entrada y permanencia de estudiantes negros, buscando considerar si este ha sido un tema discutido en el ámbito de la investigación académica stricto sensu. La investigación, basada en el Catálogo de Disertaciones y Tesis de la CAPES, identificó seis trabajos relevantes. Estos estudios revelan que, a pesar de la exclusión y segregación enfrentadas, los estudiantes negros encuentran apoyo y pertenencia por medio de relaciones de aquilombamento, a través de los grupos de extensión y colectivos. La ley de reserva de plazas en las universidades federales, aprobada en 2012, se destaca como un intento de reducir desigualdades históricas. La revisión sistemática de la literatura muestra que la presencia expresiva de estudiantes negros en la universidad es reciente y aún enfrenta desafíos significativos, pero también apunta a la formación de identidades étnico-raciales y la importancia de los espacios de acogida y resistencia, siendo posible la afirmación de la diversidad racial en ese territorio.

Palabras clave: Negritud; Universidad; Educación Superior; Reserva de plazas; Estudiantes negros.

INTRODUÇÃO

Se entendermos a educação superior como um espaço que serve à sociedade, é de suma importância tensionar este lugar para perguntar se, no Brasil, a universidade serve a toda a sociedade ou também segue os padrões racialistas e colonialistas que marcam a crítica atualmente apresentada à produção científica hegemônica no mundo ocidental, especialmente pelo aporte de pesquisadoras negras estado-unidenses e latino-americanas, a exemplo de Angela Yvonne Davis (2016), bell hooks (2020), Lélia de Almeida Gonzalez (2020), Maria Beatriz Nascimento (2021) e Rita Laura Segato (2021). Autoras como Lélia Gonzales (2020) e Rita Segato (2021) assinalam que a produção científica é marcada pela distribuição racial desigual, em que certos modos de existir e de produzir ciência não são considerados pela hegemonia branca presente nas academias, sendo segregados e, nesse sentido, não validados como formas de produção de conhecimento, já que contrariam o eurocentrismo.

Refletir sobre isso é vincular as críticas raciais de nosso tempo e a história do nosso território à evidência de afastamento da universidade brasileira de uma parcela expressiva da sociedade, devido a um processo histórico de colonização e racismo. Levantar discussões acerca das relações raciais no Brasil é estar atento à presença do racismo no acesso e permanência na educação superior, compreendendo o processo de “colonização e escravização” que historicamente restringiram a população negra do acesso à saúde, à cidadania e à educação (David; Vicentin, 2022).

Como uma tentativa de diminuir as desigualdades históricas no acesso da população negra ao espaço universitário, no século XXI, o Brasil aprovou uma lei de reserva de vagas nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio, a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, cujo artigo 3º, com redação dada pela Lei nº 14.723, de 13 de novembro de 2023, determina que

[...] em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos, indígenas e

quilombolas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Com relação à educação superior pública, então, a lei determina a reserva de vagas nos cursos de graduação para pessoas autodeclaradas negras e pardas. Sendo assim, fazer um recorte das questões da negritude no espaço universitário, a partir de pesquisas científicas, possibilita uma análise do que tem sido discutido em relação a essas pessoas. A pesquisa de Nathalia Ester Martins Guerra, estudante da graduação em enfermagem, bolsista de iniciação científica, membro dos grupos de pesquisa da professora de enfermagem Natalia Sevilha Stofel, implicados com os temas do racismo e saúde e dos estudos afrobrasileiros, concluiu que “as situações racistas vividas pelas pessoas negras dentro do ambiente universitário colocam em questão a autoconfiança e a motivação do estudante, afetando diretamente a sua saúde mental e seu desempenho no curso” (Guerra et al., 2024, p. 07). É necessário estar advertido a como esse espaço de ensino e formação de profissionais não está imune às questões raciais determinadas pelo racismo e pelas estruturas de exclusão estrutural na sociedade brasileira (Guerra et al., 2024).

A partir dessa advertência, procedemos a uma revisão sistemática da literatura, buscando analisar as tematizações sobre o espaço universitário e as questões da negritude implicadas com o ingresso e permanência de estudantes negros. Como afirma a psicóloga Grada Kilomba, uma mulher negra das ciências e das artes, nascida em Portugal, lecionando na Alemanha, com pesquisas em Gana e performances no Brasil, estudiosa das negritudes, o privilégio de falar não se aplica às pessoas negras dentro da universidade, sendo as mesmas colocadas no papel de objeto (Kilomba, 2020). Levantar o que se tem pesquisado sobre a universidade na correlação com a negritude é compreender as relações históricas de opressão e afastamento da população negra, à qual, por muito tempo, esse espaço não esteve destinado, fazendo ecoar os processos de violência histórica que carregam as percepções colonizadas e escravocratas das sociedades. Dito isto, uma questão foi circunscrita à pesquisa: dissertações e teses no Brasil têm discutido a universidade e a realidade do ingresso e permanência de estudantes negros? Este é um tema da pesquisa sistemática no âmbito do *stricto sensu*?

METODOLOGIA

A proposta de pesquisa foi conhecer a incidência e prevalência de estudos acadêmicos de *stricto sensu* que tivessem por objetivo analisar a presença de estudantes negros na educação superior brasileira e, secundariamente, conhecer o que se estuda no âmbito dos mestrados e doutorados no Brasil sobre o espaço universitário e a inclusão das questões relacionadas à negritude, segundo a presença de estudantes negros, a fim de explorar os aspectos intelectuais e afetivos que dão contorno à presença negra na universidade. Esta revisão decorreu de uma pesquisa de mestrado interdisciplinar em andamento junto à Universidade Federal Rural do Semiárido que busca a presença de estudantes negros nos cursos de graduação em psicologia e suas expectativas com o trabalho de psicólogas e psicólogos no tocante ao suporte dessa ciência em questões da subjetividade, identidade, vivências afetivas, diversidade racial e afirmação de si no mundo das relações sociais e de trabalho.

Em um primeiro momento, a ideia da pesquisa foi confrontar a formação em psicologia, verificando como essa formação propunha a inclusão das questões da negritude. Em princípio, foi feita uma seleção de artigos, por meio das plataformas Periódicos Capes e SciELO, com a combinação de palavras ‘formação em psicologia AND racialidade’. Nos periódicos Capes apareceram dois resultados, contudo, desses dois, apenas um poderia inicialmente ajudar na

pesquisa, enquanto na base SciELO, ao utilizar a mesma combinação, obteve-se somente um artigo, o mesmo já evidenciado na pesquisa anterior. Logo após, ao fazer outra combinação de palavras, ‘formação em psicologia AND negritude’, na base Periódicos Capes novamente apareceram dois resultados, com apenas uma produção contribuindo para a revisão. Já na plataforma SciELO nenhum resultado foi obtido. Após perceber o pouco quantitativo de artigos, é que se buscou o catálogo de dissertações e teses da Capes, mas nenhum dado foi encontrado. A partir disso, mudou-se a combinação, passando da ‘formação em psicologia’ para ‘universidade’, com o intuito de perceber que produções no âmbito do stricto sensu vinham sendo feitas acerca da negritude e o ensino superior. Não se utilizou algum marco temporal para a seleção de produtos de pesquisa acadêmica, haja vista a escassa discussão acerca do tema, como então se verificava.

Ao utilizar ‘universidade AND negritude AND estudantes’, 13 dissertações ou teses foram filtradas. Diante de tal situação, foi pensado em utilizar o modo de truncagem de palavras, nesse sentido, utilizou-se as sequências ‘Universi* AND negr* AND student*’, sendo filtradas pelo portal da Capes 234 dissertações e teses. Para a leitura de títulos e resumos, foram utilizados como critérios de inclusão: (a) trabalhos publicados e disponíveis integralmente em bases de dados digitais ou versões impressas para produção bibliográfica acadêmica de stricto sensu; (b) idioma em língua portuguesa do Brasil; (c) trabalhos com abordagem da questão da negritude no espaço universitário; (d) trabalhos com envolvimento da perspectiva do aluno. Como critérios de exclusão foram adotados: (a) trabalhos que não estivessem publicados e disponíveis integralmente em bases de dados científicos ou em versões impressas; (b) trabalhos de outros idiomas sem ser da língua portuguesa brasileira; (c) trabalhos que abordassem a temática da negritude, mas em contexto de educação escolar seja educação infantil, ensino fundamental ou ensino médio; (d) trabalhos que não envolvessem a perspectiva do aluno.

Após essa primeira seleção, apenas oito dissertações e teses foram selecionadas para a análise de dados, buscando-se identificar que relação traziam no confronto educação superior e presença de estudantes negros. Durante a leitura, duas produções foram excluídas por não dialogarem com as questões da negritude e por se distanciarem desse objetivo. O quadro a seguir apresenta o conjunto de produções encontradas.

Quadro 1. Dissertações e teses sobre universidade e estudantes negros, Brasil – anos 2000

	Título	Autor	Ano	Programa de Pós-Graduação	Mestrado/ Doutorado
(a)	Gerando eus, tecendo redes e trançando nós: ditos e não ditos das professoras e estudantes negras nos cotidianos do curso de pedagogia	Margareth Maria de Melo	2012	Programa de Pós-Graduação em Educação (UERJ) ^I	Doutorado
(b)	Histórias cruzadas: tramas de vida de estudantes negras graduandas da Universidade Federal de Viçosa.	Priscila Daniele Ladeira	2019	Programa de Pós-Graduação em Educação (UFV) ^{II}	Mestrado
(c)	“A gente” como agente: vivência de mulheres negras nos cursos imperiais da UFBA	Anne Bittencourt Santos e Silva	2022	Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (UFBA) ^{III}	Mestrado
(d)	“Aquilombar-se é o que dá força”: redes de afeto, de fazer político e de produção de conhecimento em um coletivo negro de universitários de medicina	William Paulino Rosa	2022	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Unicamp) ^{IV}	Mestrado
(e)	Impactos do racismo na vivência universitária: a experiência de estudantes negros em uma	Karina Regina Venancio	2023	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	Mestrado

	universidade pública brasileira (2017-2018)			(Unicamp) ^{IV}	
(f)	Ser ou tornar-se negro na Uenf? A construção da identidade racial de estudantes negros cotistas	Luiz Gustavo Borges do Rosário	2023	Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (UENF) ^V	Mestrado

I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, II. Universidade Federal de Viçosa, III. Universidade Federal da Bahia, IV. Universidade de Campinas, V. Universidade Estadual do Norte Fluminense.

Fonte: dos autores, pesquisa original.

RESULTADOS

A pesquisa bibliográfica revelou a dificuldade em encontrar publicações científicas que abordassem a temática do estudantado negro universitário, refletindo o baixo interesse sobre o tema. Não se sabe os motivos, se circunstanciais, se pela distância histórica de pessoas negras entre os universitários, se por não haver pesquisadores negros interessados no tema da educação superior, entre outras possibilidades. Os trabalhos encontrados foram todos de universidades públicas, quatro estaduais e duas federais, uma da região nordeste (Bahia) e os demais da região sudeste (Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro). As universidades federais foram as da Bahia (UFBA) e de Viçosa (UFV); as estaduais foram as de Campinas (UNICAMP Campinas e UNICAMP Limeira), do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Estadual do Norte Fluminense (UENF).

Quanto aos Programas de Pós-Graduação, dois eram da área interdisciplinar (em Estudos sobre a Universidade e em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas), dois da área de Educação e dois da área de Ciências Humanas (antropologia social e sociologia política). Quanto ao período, apenas um trabalho foi anterior à lei de 2012, defendido em julho, quando a lei é de agosto, podendo-se dizer que foi um trabalho do período de tramitação da lei. Somente mais um trabalho na mesma década, um trabalho em 2019. Os quatro demais trabalhos foram de 2022 e 2023, dois de cada ano, sugerindo a atualidade do tema e sua relevância. Dentre os autores, 2 homens, 4 mulheres. Uma pesquisa de doutorado, a mais antiga (2012), e cinco de mestrado (2019, 2022 e 2023). Assim, foi possível explorar como essa temática, relacionada à presença de identidades étnico-raciais no espaço universitário estudantil, foi discutida em seis dissertações e teses.

Na tese de Maria Margareth de Melo, a mais antiga, de 2012, a autora articulou uma dinâmica com grupos nos cursos de pedagogia. A partir de um grupo de estudos, Melo conheceu suas entrevistadas e, ao longo desse processo, desenvolveu reflexões sobre a identidade negra das estudantes. Ela discute que ser negra não é uma condição fixa e universal, mas algo construído ao longo da trajetória de cada vida. Nesse contexto, Melo trouxe as histórias de vida das pedagogas em formação, descrevendo o processo que denominou afirmaçãonegação, por elas vivenciado. Já Priscila Daniele Ladeira, que entregou sua dissertação em março de 2019, portanto depois da lei de reserva de vagas, resgata as histórias de vida de mulheres negras universitárias que, diante de situações de preterimento, resistem e constroem invenções diante do cotidiano do Ensino Superior e na presença de violências que sofreram ao longo da vida, como psicológicas, ou sobre as características físicas de um corpo negro. Nos “encontros desenvolvidos pelos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB)”, as estudantes analisavam e elaboravam suas histórias de vida e situações de seus contextos, aprendendo sobre elas, bem como, descobrindo outras práticas de compor e resistir nesse espaço, que a autora descreve como “(re)existência no mundo” (Ladeira, 2019, p. 34).

Dentre os trabalhos apresentados em 2022, estão o de Anne Bittencourt Silva e o de William Paulino Rosa. Silva refletiu sobre as experiências de mulheres negras nos chamados cursos imperiais – medicina, direito e engenharias. A pesquisa investigou a relação das mulheres negras com esses cursos, apresentando respostas diversas, desde aquelas situações marcadas pela violência

racial atribuída aos traços corporais, como também aquelas marcadas por acolhimento, com a afirmação da negritude pautada em uma relação entre as estudantes e seus pares. Rosa discutiu a dinâmica de aquilombamento como medida que mobilizava os estudantes de medicina da Unicamp. A partir do Quilombo Ubuntu, promovia-se um sentimento de pertença e acolhimento na universidade, com a presença de temas dos encontros não apenas envolvendo as questões de raça, mas também da temática interseccional. O autor faz uma costura do apoio mútuo e a atuação desses coletivos na afirmação da negritude entre os estudantes.

Nas dissertações de Karina Regina Venâncio e Luiz Gustavo Borges do Rosário, as últimas encontradas, ambas de 2023, a primeira foi defendida 6 meses antes e a segunda quase simultânea à nova redação da lei de reserva de vagas. Venâncio revelou – com dados quantitativos e qualitativos – que os estudantes negros da Unicamp enfrentavam desafios à presença e permanência, bem como sentimentos de pertencimento ou abandono e sofriam impactos à saúde mental. Esses impactos diziam respeito à baixa autoestima entre os discentes, embora existisse orgulho associado à identidade racial. Além disso, observou que um baixo percentual de estudantes se sentia respeitado e pertencente à universidade. Por fim, Rosário, a partir das entrevistas junto aos discentes, refletindo sobre essa identidade e a relação de coletivos dentro da universidade, percebeu que em alguns cursos, como engenharia e medicina veterinária, os estudantes falavam da falta de representatividade de pessoas negras em sala de aula, do racismo velado e do estigma por serem negros e cotistas, ao passo que, no Centro de Ciências do Homem, representado por cursos como administração pública, pedagogia e ciências sociais, se tentava a inserção da temática racial durante a formação.

Cada um dos seis trabalhos foi específico de apenas uma universidade. Às vezes, específico de um único curso de uma mesma universidade. Diante dos estudos, resta legítimo pensar que a ação institucional pode afetar de forma significativa os processos de identificação entre os estudantes negros e sua negritude no ensino superior. Igualmente, se revelou evidente que o tema da presença do estudante negro na educação superior não é tema à pesquisa no âmbito dos estudos pós-graduados de *stricto sensu* ou não têm justificado dissertações e teses.

DISCUSSÃO

Analisar aquilo que se produziu a partir das dissertações e teses e acerca da relação da negritude com o ensino superior por meio da perspectiva de estudantes negros é inovador, entendendo-se a realidade de um ambiente universitário, algo relativamente novo a esses indivíduos, afinal, com a viabilização da lei da reserva de vagas por ações afirmativas em 2012, tem-se o aumento da presença dessa população na universidade, conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), realizado em 2023 (Brasil, 2023). Também é pertinente destacar o conceito de negritude, que abrange múltiplas condições da identidade negra, sejam físicas, culturais, ideológicas, intelectuais, morais ou psicológicas, relacionadas à aceitação de sua identidade, como tem apontado o antropólogo brasileiro-congolês Kabengele Munanga sobre a população afro-brasileira e o crescimento da consciência racial (Munanga, 2019). Assim, é importante refletir sobre o processo histórico de construção da identidade étnico-racial, no qual a negação de suas características relegou pessoas negras às margens da sociedade, tanto de forma simbólica quanto física.

Lélia Gonzales, mineira, mas radicada no Rio de Janeiro, filósofa, entre várias formações universitárias, e psicanalista, entre várias incursões no mundo letrado e popular, criadora dos termos *amefricanidade*, para explicar as américas, com seus povos originários americanos e sua interculturalidade com os povos da diáspora negra, e *pretuguês*, para explicar o idioma brasileiro, resultante da africanização da língua portuguesa, denunciou o racismo e as discriminações de raça, sexo e classe que subalternizaram os negros no acesso à educação, à cultura letrada, à representação política e aos lugares de direção nas instituições de ensino e pesquisa (Gonzales, 2020).

Por meio dos trabalhos encontrados, foi identificada a construção de uma identidade étnico-

racial entre estudantes negros na universidade. Lê-se o conceito de identidade a partir de algo elástico, não fixo, onde, na multiplicidade de identidades, são consideradas não apenas aquelas que estão em um lugar fixo e introjetado (Hall, 2006). Conforme o sociólogo Stuart Hall, negro jamaicano e pesquisador do Reino Unido, a identidade é formada e trans-formada continuamente em relação às formas pelas quais somos interpelados nos sistemas culturais que habitamos, ou seja, as representações sobre nós são construções sociais e históricas, que se transformam constantemente.

Desse modo, podemos perceber que essa relação consigo mesmo, a sua negritude, assim como com os outros discentes negros, vai sendo deslindada através da ocupação, pelas pessoas negras, de vagas nas universidades, sendo possível a atual maior quantidade em decorrência da respectiva política afirmativa. Nas dissertações e teses lidas, a perspectiva da negritude é discutida pelos estudantes negros durante as entrevistas acerca dos processos de reserva de vagas. Os discentes relatam sobre se sentirem incapazes, uma fraude ou até mesmo desvalorizados diante da academia, como se este não fosse ambiente para os mesmos. Ainda relatam sentimento de culpa, inadequação e solidão nesse espaço (os trabalhos de Ladeira, 2019; Rosa, 2022; Silva, 2022; Rosário, 2023, e Venâncio, 2023). Percepções essas presentes em diversas outras esferas de vida do indivíduo que carrega características negras, especialmente resultantes da construção social de uma representação da identidade de pessoas desqualificadas para o mundo intelectual e universitário. Em nossa sociedade, a discriminação racial é colocada em cena e as pessoas negras submetidas à marginalização (Nascimento, 2021). A historiadora Maria Beatriz Nascimento, sergipana, mas com vida de professora escolar e universitária no Rio de Janeiro, retomou a história dos movimentos sociais negros e dedicou-se ao estudo das formações de quilombos, construindo um relevante memorial sobre quilombos, resistência cultural negra e racismo. Nesse sentido, a universidade, como espaço historicamente restrito à branquitude, não poderia mover afetos diferentes.

O próprio curso frequentado pelos estudantes reflete essas dinâmicas, já que algumas dissertações abordaram cursos tradicionais, com status social elevado e que carregam um escopo de exclusão ainda mais acentuado (os trabalhos de Silva, 2022, e Rosário, 2023). Essa exclusão reverbera diretamente nos estudantes, muitos dos quais relatam um sentimento de invalidação ao não se encontrarem com pares de cor ou étnico-raciais nesses espaços. Alguns se sentem “sozinhos”, sendo um dos poucos ou o único estudante negro em uma sala majoritariamente composta por pessoas brancas. A “discriminação” é intensificada devido à escassa discussão sobre temáticas raciais dentro dos cursos universitários, não apenas no tema da educação superior, mas na compreensão da subjetividade brasileira e na orientação sobre o exercício das profissões no tocante a seus públicos.

Nesse contexto, emerge a ideia de que esses espaços foram historicamente concebidos como inacessíveis para o povo negro, percepção que aparece de forma marcante nos discursos dos estudantes. Essas ações observadas nas mais diversas situações do cotidiano universitário, apontam sobre como essas dinâmicas impactam profundamente suas existências. Através da escuta de suas histórias de vida, é possível refletir sobre a escrita de si, a reedição de memórias e como o racismo atravessou suas trajetórias, impactando sua relação com a universidade. Assim, foi possível perceber o grau de racismo que os universitários enfrentam ao frequentarem a educação superior, fazendo com que, em muitos momentos, se sintam não pertencentes a esse espaço. Além disso, com certa frequência não se reconheciam em outros contextos dentro da universidade, exceto nos locais destinados a trabalhadores (pesquisas de Rosa, 2022, e Venâncio, 2023).

As cenas aportadas pelas pesquisas de mestrado e doutorado encontradas nessa seleção bibliográfica se coadunaram com as análises trazidas por autoras como Grada Kilomba (2020) e Lélia Gonzalez (2020), que evidenciaram como corpos negros são associados a trabalhadores operários, não sendo reconhecidos como produtores de conhecimento intelectual. Contudo, apesar de certos comportamentos de “não-lugar”, é possível perceber alguns contextos nos quais os estudantes investiam na perspectiva de coletivos (pesquisas de Melo, 2012; Ladeira, 2019, e Rosa, 2022). Em um espaço de reunião, seja por meio da criação de coletividades ou das extensões

universitárias, essas atividades contribuíam para o fortalecimento da relação positiva com sua negritude, estabelecendo uma espécie de aquilombamento entre os estudantes (Rosa, 2022).

O quilombo não deve ser visto como algo do passado, tampouco “remanescente”, porém como um conceito que se reconfigura ao longo da história, a partir de agrupamentos territoriais, os quais se estabeleceram por resistência contra um poder opressivo, mas hoje representam uma configuração social de vida comunitária de resistência ao capitalismo (Nascimento, 2020). Já o “aquilombamento”, se caracteriza como um ato de assumir uma atitude de resistência contra-hegemônica, “a partir de corpos marcados pela política” (Souto, 2020, p. 141), isto é, submetidos pelos modos de gestão social da cultura, das artes e das letras. Abdias do Nascimento, importante expressão do pensamento negro brasileiro, introduziu o conceito do “quilombismo”, explicando-o como modalidade de “comunitarismo”, uma alternativa ao progresso humano e sociopolítico estruturado em termos de igualitarismo econômico, onde se instauram a reunião fraterna e livre, a solidariedade, a convivência e comunhão existencial (Nascimento, 2020). Stéfane Silva de Souza Santos estudou o fenômeno do “aquilombamento”, tecnologia social de base ancestral na organização social e produção cultural que pode operar na desconstrução de estruturas sociais dominantes e na criação de outras possibilidades de existência, de forma a responder a demandas sociais emergentes, decoloniais e de pensamento negro contemporâneo (Souto, 2020).

Não são esses corpos da resistência que necessariamente entram na academia, mas também aqueles que não se reconhecem como parte daquele lugar. Nos relatos dos discentes nas pesquisas selecionadas, por meio dos encontros em grupo ou contatos individuais, muitos afirmavam que vinham construindo uma identidade racial, além de perceber quais eram os movimentos feitos por gestores, discentes e pares dentro da universidade. Assim, viabilizando histórias de vida marcadas pelos componentes não só de raça, como também de gênero e classe, que se mostram durante todo o percurso de vida daquele que se torna estudante universitário e em preparação para o exercício de uma ocupação de nível superior no mercado de trabalho, era possível “atravessar” os efeitos racializados do preconceito e segregação para a afirmação/inclusão da sua diversidade (sua potência de novidade). Não sendo tranquilo ocupar esse lugar de corpo político durante a jornada universitária, já que o espaço da academia historicamente foi constituído como local da elite branca, selecionado e hostil a quem se mostra ou se sabe de outro recorte social.

Foi nos espaços de coletividade que foi possível aos universitários negros encontrarem destino para angústias que permeavam a vida acadêmica. Thaís Seltzer Goldstein e Sáshenka Meza Mosqueira, psicólogas das Universidades Federal da Bahia e Paulista, respectivamente, dialogam sobre possibilitar a compreensão da própria existência de estudantes em comunidade, sem esquecer a sua singularidade e contexto, como uma maneira de despatologizar o sofrimento encontrado em meio ao espaço universitário (Goldstein; Mosqueira, 2022).

Como relatado nas dissertações e na tese encontradas, quando os estudantes universitários negros (trabalhos de Melo, 2012; Ladeira, 2019, e Rosa, 2022) encontram afeto mútuo, acolhimento e reflexões sobre sua negritude se torna possível que as vivências de “pessoa negra na universidade” possam ser elaboradas não apenas pelo próprio estudante (sozinho), mas também em coletivo (não só de pessoas negras), com temáticas que os interessem e proporcionem pertença dos estudantes a esse lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar em dissertações e teses as relações sobre a negritude e o espaço universitário permitiu perceber que a universidade pode ser um espaço hostil, de exclusão e segregação dos universitários negros, contudo, pode vir a ser um espaço de acolhimento e afeto entre pares e parceiros que estão inseridos nesse ambiente, onde podem afirmar a identidade negra e multiplicidade étnico-racial na cidadania brasileira e circulação internacional. A universidade precisa tornar-se um território de

significações diante das mais diversas estruturas e concepções à afirmação da diversidade racial em seu ambiente.

Aquilo que se pôde constatar nas dissertações e tese foi a possibilidade de elaboração em coletivo a partir das vivências de estudantes negros, bem como, a afirmação da negritude nas relações que se estabelecem com os gestores, professores e os próprios estudantes. No entanto, por vezes, esses debates são reservados a uma esfera individual, seja das questões acadêmicas, de pertencimento, afetivas e de engajamento no espaço universitário. Na contraparte, muitas vezes somente nos espaços coletivos foram possíveis reflexões entre pares e parceiros, onde os estudantes negros, ao conseguirem falar sobre si, construíam um espaço próprio de vínculos e engajavam seu pertencimento à universidade. As questões da negritude dentro do ensino superior parecem ser mais fortalecidas por meio de grupos que discutem essa temática, enquanto parecem tornar a discussão mais enfraquecida quando não se estabelecem esses lugares para diálogo, sendo possível até mesmo o sentimento de invalidação de si diante desse ambiente.

O seguimento da pesquisa ou sua novidade inclui conversar com os estudantes de uma profissão (a psicologia) sobre como visualizam o seu papel profissional (o exercício da profissão a ser obtida com o título acadêmico) no enfrentamento do racismo, na decolonização, na desmedicalização e na afirmação de si em meio a diversidade sofrida pessoalmente como demérito, desprestígio e minoridade no exercício da cidadania. A pesquisa bibliográfica demonstrou que o tema da reserva de vagas às pessoas negras na universidade brasileira, com valor de lei às universidades federais, há 12 anos, ainda não gerou expressão no âmbito da produção intelectual resultante de estudos de mestrado e doutorado. Depois de dois estudos em Educação, desenvolvidos entre o ano de aprovação da lei da reserva de vagas e o tempo mínimo esperado para os primeiros egressos nos “cursos imperiais” (5-6 anos), foram dois estudos na área Interdisciplinar e “outros” dois: socioantropologia e sociopolítica.

Não se estudou a escolha profissional do estudante negro e as expectativas de atenção à população negra no exercício da profissão, mas uma particularidade em aberto ao estudo é a escolha por uma profissão, a psicologia, que debate o comportamento humano, os processos afetivos e cognitivos de crianças, jovens, adultos e idosos, aquilo que está envolvido no que as pessoas sentem, pensam e fazem consigo, em família, no trabalho e na sociedade, sendo uma pessoa negra e, por força da profissão, tendo no seu exercício profissional o objetivo de compreender as motivações humanas, os sofrimentos psíquicos, os processos cognitivos e afetivos, além da colaboração para a promoção individual e coletiva do bem-estar psicológico.

Os psicólogos Emiliano de Camargo David e Maria Cristina Gonçalves Vicentin pesquisaram as práticas antirracistas na rede de atenção psicossocial porque detectaram o crescimento dos efeitos psicossociais do racismo com a introdução da Reforma Psiquiátrica de enfoque antimanicomial. Os autores declaram que “a manicomialização no Brasil tem ancoragem na colonialidade, configurando o manicolonial: a vinculação do significante negro à loucura”. Os psicólogos acompanharam, “de 2019 a 2021, na perspectiva metodológica da pesquisa cartográfica, dois coletivos antirracistas na Rede de Atenção Psicossocial do Município de São Paulo – Kilombrasa e Café Preto” (David; Vicentin, 2023, p. 03). A pesquisa diz da necessidade de a atenção psicológica “enegrecer”, invertendo a racialização, e de “desnortear”, invertendo a colonização. A atenção psicológica, no bojo da radicalidade ético-política libertária da Luta Antimanicomial precisa produzir efeitos antirracistas e um resgate da negritude, dessa vez pela ressignificação do louco e do negro em um pensamento de travessia ao contrário no Atlântico, isto é, de “antimanicolonialidade”.

Com isso, recolocamos em análise o primeiro argumento do presente artigo, isto é, questionar se a universidade serve a toda a sociedade ou também segue os padrões racialistas e colonialistas que marcam a crítica contemporaneamente apresentada à produção científica hegemônica no mundo ocidental, deixando-o em aberto, mas aqui explorado cartograficamente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Ingresso por cotas aumentou 167% nas universidades.** [Brasília]: Inep, 20 nov. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/ingresso-por-cotas-aumentou-167-nas-universidades>. Acesso em: 22 jan. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 ago. 2012. Seção 1, p. 1. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 22 jan. 2025.

DAVID, Emiliano de Camargo; VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves. Práticas antirracistas na rede de atenção psicossocial: racializar e desnortear. **Psicologia & Sociedade**, v. 35, p. e277115, 2023. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2023v35e277115>

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GOLDSTEIN, Thaís Seltzer; MOSQUEIRA, Sáshenka Meza. Sofrimentos discentes e a produção coletiva de cuidados no ensino superior: em busca de descolonizar e desmedicalizar o pensamento. In: CECCIM, Ricardo Burg; FREITAS, Cláudia Rodrigues de; ANGELUCCI, Carla Biancha (Org.). *Fármacos, remédios, medicamentos: o que a Educação tem com isso?* Volume 2 – debates continuados, diálogos interdisciplinares. Porto Alegre: Rede Unida, 2022. p. 317-339. Disponível em: <https://editora.redeunida.org.br/project/farmacos-remedios-medicamentos-o-que-a-educacao-tem-com-isso-volume-2-debates-continuados-dialogos-interdisciplinares>. Acesso em: 14 jan. 2025.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GUERRA, Nathalia Ester Martins *et al.* O racismo institucional na universidade e consequências na vida de estudantes negros: um estudo misto. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, p. e04232023, 2024. <https://doi.org/10.1590/1413-81232024293.04232023>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: TupyKurumin, 2006.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico, sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

LADEIRA, Priscila Daniele. **Histórias cruzadas**: tramas de vida de estudantes negras graduandas da Universidade Federal de Viçosa. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2019. Disponível em: <https://locus.ufv.br/items/cfc40337-87cb-44de-9c99-2cf7c8f7eae2>. Acesso em: 22 jan. 2025.

MELO, Margareth Maria de. **Gerando eus, tecendo redes e trançando nós**: ditos e não ditos

das professoras e estudantes negras nos cotidianos do curso de pedagogia. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: https://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2008_2-478-DO.pdf. Acesso em 22 jan. 2025.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos** – nova edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo** [recurso eletrônico]. São Paulo: Perspectiva, 2020.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Organizado por Alex Ratts. Rio de Janeiro: Schwarcz, 2021.

ROSA, William Paulino. **“Aquilombar é o que dá força” e redes de afeto, de fazer político e de produção de conhecimento em um coletivo negro de universitários de medicina**. 2022. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2022. Disponível em: https://www.abant.org.br/files/20221007_63405b5c9c5a7.pdf. Acesso em 22 jan. 2025.

ROSÁRIO, Luiz Gustavo Borges do. **Ser ou tornar-se negro na UENF? A construção da identidade racial de estudantes negros cotistas**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Campos do Goytacazes, 2022. Disponível em: <https://uenf.br/posgraduacao/sociologia-politica/wp-content/uploads/sites/9/2023/09/Dissertacao-Luiz-Gustavo-Borges-do-Rosario.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2025.

SEGATO, Rita Laura. Brechas decoloniais para uma universidade da Nossa América. In: SEGATO, Rita Laura. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. p. 349-385.

SILVA, Anne Bittencourt Santos e. **“A gente” como agente: vivências de mulheres negras nos cursos imperiais da UFBA**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36273>. Acesso em 22 jan. 2025.

SOUTO, Stéfane Silva de Souza. Aquilombar-se: insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Metamorfose**, v. 4, n. 4, 2020. <https://periodicos.ufba.br/index.php/metamorfose/article/view/34426>

VENÂNCIO, Karina Regina. **Impactos do racismo na vivência universitária: a experiência de estudantes negros em uma universidade pública brasileira (2017-2018)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas, Limeira, 2023.

Financiamento

O presente artigo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Submetido: 02/03/2026

Aprovado: XX/XX/XXXX

Editor(a) de seção:

DECLARAÇÃO SOBRE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Preprints - Depósito do manuscrito em um servidor de preprints reconhecido pelo periódico: Não.

Disponibilidade de Dados de Pesquisa e outros Materiais: Sim, os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Aberturas na avaliação por pares

Quando oferecida a opção, os autores concordam com a publicação dos pareceres da avaliação de aprovação do manuscrito? Sim.

Quando oferecida a opção, os autores concordam em interagir diretamente com pareceristas responsáveis pela avaliação do manuscrito? Sim.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Autor 1 – Conceituação, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, administração do projeto, escrita – rascunho original, revisão e edição.

Autor 2 – Análise formal, metodologia, supervisão, validação, escrita – revisão e edição.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.